

RESENHA: O BANDIDO QUE VIROU PREGADOR
REVIEW: "O BANDIDO QUE VIROU PREGADOR"

*Geraldo Ribeiro de Sá**

“O Bandido que virou pregador” é o título do livro escrito por Mariana Côrtes, publicado pela Editora HUCITEC, São Paulo, 2007, com 353 páginas, e prefaciado por Antônio Flávio Pierucci.

Encontra-se a obra dividida em três partes. Na primeira, apresenta-se uma síntese descritiva de algumas conexões de sentido encontradas nos conceitos de violência, modernidade, religião, racionalidade, conversão e crime, e também presentes no processo de conversão, constitutivo de certas igrejas protestantes mais antigas e mais jovens, destacando-se entre essas as comunidades pentecostais e neopentecostais. Neste momento, a autora refletindo-se sobre o quadro teórico pertinente ao tema em estudo, recupera a contribuição de autores considerados clássicos pelos estudiosos das ciências sociais, como Marx, Weber e Durkheim, bem como de alguns contemporâneos como Foucault, Habermas, Bourdieu, M. Sílvia de Carvalho Franco, Jessé de Souza, M. Isaura Pereira de Queiroz, e Flávio Pierucci, dentre muitos outros.

Todo o instrumental teórico é utilizado com muita competência, habilidade e perfeição por Mariana Côrtes, com o propósito de se compreender como se processa, sobretudo, a conversão, ou seja, a mudança do modo de vida de bandidos altamente violentos, dedicados à prática de latrocínios, sequestros, homicídios, estupros, tráfico, roubos a mão armada e outras formas de agressão à pessoa e ao patrimônio, para a maneira de viver do religioso. Conversão interna e externa, profunda e abrangente, chegando ao ponto de alguns dos malfeitores se transformarem não só em crentes, mas também em lideranças no ofício de provocar novas conversões e no ministério de pastores, ou seja, de missionários, pregadores itinerantes, totalmente legitimados e altamente disputados pelas comunidades evangélicas. O nível de prestígio dos recém-convertidos é de tal ordem que muitos provocam não somente novas e novas mudanças de vida, mas também produzem, além de pregações, palestras, conferências, CDs, fitas cassetes, DVDs, livros e folhetos, acompanhados das respectivas fotografias, com a finalidade, principalmente, de narrar, testemunhar, afirmar e confirmar as etapas e os frutíferos resultados da converção.

No segundo momento da obra, são descritas minuciosamente as diversas fases dos percursos de conversão, por meio de narrativas a respeito das experiências religiosas dos convertidos, ou seja, de como a vivência intensiva da religião motiva, nos recém-convertidos, alterações na visão de mundo, no tipo e ritmo de vida, agora distantes do mal e imersos no bem. A autora discorre belamente inclusive a respeito da presença muito concreta do bem, representado por Jesus, e do mal, caracterizado pelo diabo, no cotidiano dos crentes e nas celebrações das igrejas pentecostais. Os bandidos, outrora possessos pelo demônio, são agora possuídos e escolhidos por Jesus, com o propósito de proclamar a palavra de Deus, gerar novas conversões e intensificar a fé nos já convertidos, multiplicando, destarte, o alcance da palavra de Deus e o número de novos crentes.

Chega-se, assim, à terceira parte do livro, talvez a mais interessante para o não especialista em ciências sociais, em que é descrito com muita competência e arte o processo de construção, delimitação e ampliação do mercado religioso para o bandido que virou pregador, fazendo-se sobressair os múltiplos recursos de produção do material de trabalho e divulgação das atividades missionárias, focadas em experiências de vida. Note-se que nada é mais atraente no pentecostalismo do que o testemunho da conversão, manifestado principalmente ao vivo, isto é, o da transformação do extremo mal em sumo bem, personificado no bandido de outrora e no pregador de agora.

Destaca-se, ainda, nesta última parte do livro, a descrição da complexa e difícil delimitação das fronteiras entre o mal de outrora e o bem de agora, isto é, a questão da limiaridade, ou seja, do modo como acontece o desprezo pelos circuitos da vida delinquente e da maneira de adesão à vida nova, à forma de pensar, sentir e agir de pregadores da palavra divina e de testemunhos do poder do Espírito Santo. Esses pregadores abandonaram o mundo do mal, conforme afirmam e comprovam, para viver e difundir os tesouros do mundo do bem. Desistiram de praticar o mal e aderiram integralmente à feitura do bem, centrado na prática da pregação, cuja eficácia se comprova por meio da produção e multiplicação do milagre das incontáveis conversões novas.

Apesar de missionários e pertencerem à elite da Igreja Pentecostal, eles são ex-bandidos. Essa condição de ex, de quem já foi, mas deixou de ser, mantém tais pregadores entre limites movediços e fluidos, correndo sempre o risco de se invadir um ou outro campo, real ou imaginário, do bem ou do mal, de forma racional ou irracional, esperada ou súbita, total ou parcial. Aliás, um dos dramas dos pregadores desse perfil consiste em perceber a fluidez dos mencionados limites. Eles sentem e sabem que são pregadores, mas também ex-bandidos, e os ex são e sempre serão ex. Trata-se, portanto, de uma questão muito complicada e às vezes de difícil solução,

porque a fluidez de limites, já mencionada, poderá vir à tona e ser percebida a qualquer momento, quando menos se espera.

A autora registrou, muito bem, um exemplo da situação de fluidez de limites, durante uma pregação. O orador estava pregando a uma platéia numerosa e atenta às suas inspiradas palavras, quando de repente entra alguém, que era do mal, mas aparentemente disposto a ouvir a pregação. De repente, o intruso começa a fazer barulho, a perturbar o momento sagrado, falando em voz alta e andando durante horas indevidas. O estranho não se adapta ao meio, não se acomoda às circunstâncias, não aceita a advertência de alguns dos presentes, não se entrosa com os demais ouvintes. E o que faz o pregador? Ele não consegue conter-se, perde a paciência e o controle. Desce do púlpito, vai até o intruso e inoportuno, aplica-lhe com toda a força um “telefone”, ou seja, ele bate com força, simultaneamente, com as duas mãos em ambos os ouvidos do estranho perturbador. Usa, nesse momento, contra o intruso, aquela violência própria do mundo do crime e do universo da cadeia. E, assustado, acrescenta o pregador, apliquei-lhe um “telefone” e ele caiu desmaiado, aí eu fiquei muito apertado. Achei que ele tivesse morrido. Lembrei-me, subitamente, dessa técnica, a técnica do “telefone” aprendida outrora com os colegas do submundo delinquente e do convívio no cárcere.

Nesse instante, fluiu de forma repentina na mente do ex-bandido, mas agora orador de sucesso, a velha e tradicional maneira de se fazer justiça com as próprias mãos, incluindo o uso da violência física. A difícil delimitação de fronteiras entre o bem e o mal, a vida passada e a atual, o não ser e o ser, pode vir à tona, a qualquer momento, no cotidiano do bandido que virou pregador. Esse drama, para alguns ex-bandidos, resolve-se geralmente com o abandono da vida de pregador e o retorno ao mundo do crime, mas para outros a solução dá-se com a imersão cada vez mais profunda no universo da vida de missionário pregador.